

SAGA FIOROT

Este é meu pai, o começo de nossa família.



SAGA FIOROT

Esta é minha mãe – o começo de minha família



PREFÁCIO

Saga Fiorot é a estória de uma família de 07 pessoas, que, por circunstâncias da vida, acabou unida a mais 08 pessoas, que passou por bons pedaços até chegar aonde chegou, guiada pelo destino, pelos desígnios de Deus e pela força de seus personagens,

Mas que força foi e ainda é, de onde saiu, por certo é inexplicável, com certeza veio do alto e fortaleceu-se no amor dos filhos da família, personagens que, no dia a dia, vivendo suas dificuldades, ajudavam-se mutuamente, ora uns socorrendo os outros, ora uns suportando os outros numa verdadeira estória de um amor fraterno indescritível.

No decorrer desta estória, alguns exemplos, talvez simples até por demais, mostrarão a força do amor que uniu os personagens desta estória.

Já me dizia um conhecido meu, muito rico, que construiu sua fortuna do nada e à custa do seu trabalho e de sua inteligência nata, que o passado, como o nome diz, já passou e se não for para nos trazer experiência, o passado para nada mais serve, pois ele já passou.

Longe de registrar neste livrinho as amarguras de uma vida, longe de usar este recurso para um desabafo, tentarei mostrar a saga, a estória de uma família sofrida, que, por ajuda de Deus, conseguiu sair do nada e chegar a uma posição razoável na vida.

Mais que sucesso profissional ou financeiro, restou aos protagonistas desta estória a felicidade de ver que a família deles permaneceu unida, ainda que toda uma sorte de transtornos quisesse impedir esta pouca felicidade.

Até que podia ter sido melhor, mas foi o que foi e por isto agradeço a Deus.

O Autor

DEDICATÓRIA

Quem me conhece sabe que não sou egoísta, muito pelo contrário, sou muito altruísta, mas como nunca dediquei nada a mim, vou quebrar a regra e por isto mesmo dedico este livro a mim mesmo.

As pessoas que me conhecem ou vierem a conhecer esta estória, se não me derem razão, peço que pelo menos tentem me compreender.

HOMENAGEM

Se quiser homenagear alguém, certamente terei, como muitos, muitas pessoas para homenagear, porém sempre existe uma pessoa que merece uma homenagem maior.

Contudo, maior homenagem merece aquele que, desprendido de tudo e pensando mais nos outros que em si, fez mais do que devia e mais do que os outros mereciam e que por certo o fez sem esperar sequer um muito obrigado.

Este alguém existe e é meu irmão mais velho, que apesar de ser um “Zé do curió”, só tem um defeito, qual seja não saber até onde pode ou deve ser bom, pois sua bondade não tem limites.

Por isto mesmo é que neste momento quero registrar nesta página o meu apreço e o meu agradecimento pessoal a ele, que, desde solteiro, desde muito jovem se mostrou uma pessoa tão ou mais responsável que meu pai, a quem não cheguei a conhecer direito, já que fiquei órfão quando tinha três anos.

Ao meu irmão mais velho, o meu beijo, no meio de seu coração e meu muito obrigado

O LADO MATERNO

A família de minha mãe era a oitava filha de uma família natural de Castelo, e meu avô, um visionário que se Chamava Fortunato, viúvo e com 11 filhos vivos e três filhos já falecidos, veio de lá para o interior do Município de Colatina, no Córrego Independência, quando uma viagem de Colatina até onde se estabeleceu demorava no mínimo uma semana em lombo de Burro.

Contam os mais velhos que para dormir subiam, por uma escada para uma parte superior da casa e deixavam no quintal uma fogueira acesa e que as onças rondavam a parte baixa da casa, pois sentiam o cheiro de gente que por estarem na parte alta, para a qual levavam a escada, não podiam ser alcançadas.

A situação era de puro trabalho, pois imaginem fazer uma viagem no lombo de um animal por sete dias, para ir a cidade comprar um quilo de sal, certamente por que o dinheiro somente dava para comprar tão pouco.

O visionário vô conseguiu, a partir desta situação deixar cada um de seus filhos com pelo menos duas colônias de terras ou sejam 10 alqueires.

Viúvo casou-se com a Vó Pina, uma doçura de pessoa, com quem teve três filhos, de quem só guardo boas lembranças e de quem tenho saudades, seja do seu temperamento dócil, seja de lembrar que nunca a vi reclamar sequer de uma dor de dente, seja porque ela nunca nos colocou medo de nada, seja pela sua comida saborosa, do feijão com uma pitada de pimenta do reino etc. etc.

O LADO PATERNO

Me lembro de meu vô paterno, Vô João, de uma forma nada agradável, já que ele gostava de beber cachaça e ficava de fogo.

Certa feita passei em Moacyr e ele estava jogando bola de pau com outras pessoas e passei batido.

Depois contei isto para minha mãe e ela me perguntou se eu fui dar a benção a ele e eu disse que não, porque ele estava bêbado.

Minha vó Adelaide, que minha mãe dizia ser muito brava, sempre que me via, mostrava-se uma vó amável que, como boa filha de imigrantes italianos, me abraçava forte e falava “puareto”

Contavam-me que quando via alguém com preguiça dizia em italiano “te gana de uma oio, fiel den can”.

Donos de uma pequena propriedade rural, a família de meus vós paternos contava com 14 filhos e uma filha de criação chamada Odete.

Meu pai era o 4º filho desta família.

Quando meus pais se casaram foram morar com meus avós paternos, na casa deles e isto não deu certo, os conflitos foram muitos, segundo me contam, embora somente tenha ouvido a versão de minha mãe.

Assim meu pai e minha mãe, já com os dois primeiros filhos, dois homenzinhos, foram morar num outro povoado, conhecido como 51, onde meu pai se estabeleceu com um pequeno comercio que prosperou muito, mas que acabou alguns anos após a morte de meu pai.

A MINHA FAMÍLIA

Eu era o caçula de minha família, composta por minha mãe, meu pai, portador de uma doença praticamente incurável, que lhe ceifou a vida retirando-o nosso convívio, de dois irmãos homens e de duas irmãs, uma das quais já falecida.

Mamãe conta que minha irmã morreu porque um vizinho nosso, tido como valentão, havia sido morto a tiros e minha mãe viu a tudo, enquanto amamentava a minha irmã.

Por isto, porque mamou leite de mulher com susto, pegou uma doença e morreu.

Quando dei por mim, não me lembrava mais de meu pai, porque também já havia morrido em Belo Horizonte, de tuberculose, uma doença fatal para a época, algo parecido hoje com um câncer ou outra doença terminal.

Meu irmão mais velho e minha irmã, após a morte de meu pai ficaram internados num orfanato em Belo Horizonte, por um ou dois anos, não sei se era para ficarem sarados de uma possível tuberculose, não sei se era por dificuldades que minha mãe teria para criá-los ou outra razão que desconheço.

Depois voltaram a viver conosco em 51 e morávamos todos juntos na casa que tínhamos no centro do povoado, onde a loja que meu pai deixou continuava a funcionar, agora sob o comando exclusivo de minha mãe.

LEMBRANÇAS MARCANTES

Algumas coisas me lembro que vi, outras que vou relatar é uma mistura do que vi ou que me contaram.

De meu pai quase não me lembro de nada, só sei de ouvi falar que era muito doente, tinha tuberculose, resultado de uma constipação porque ao viajar para Marilandia, pegou chuva e molhou a capa de cavaleiro que usava e dormiu com a capa molhada.

Montava uma loja em 51 e prosperava, quando ficava doente vendia tudo e ia para Belo Horizonte se tratar.

Quando voltava pegava dinheiro emprestado e começava tudo de novo e tudo se repetia.

Da última vez que ficou doente não vendeu as mercadorias e teve que ir para Belo Horizonte de avião, embarcando em Aimorés.

Em 1956 faleceu em Belo Horizonte, longe da família que quando lá chegou informada de sua morte teve que visitá-lo no cemitério público da cidade.

Lembro-me de que certa feita, quando fomos visitá-lo, eu não o chamava de pai, porque tinha tempo que ele estava em Belo Horizonte e ele ficava admirado de eu ser filho dele, e como não o chamava de pai, me deu dinheiro, devia ser um ou dois cruzeiros para que eu o chamasse de pai.

Lembro também que alguém descascava cana e a cortava em gominhos e me dava, mas não devia ser com meu pai, pois ninguém podia comer nada vindo das mãos de um doente como ele, pois poderia pegar a doença.

Lembro do dia em que meu Vô Furtunato Morreu, de muita gente descendo as escadas da casa grande onde ele morava carregando um caixão da cor de defunto, cor roxa.

E O SANTO NÃO BALANÇOU A CABEÇA

Um de meus irmãos nasceu muito magro e quase morreu, isto porque, devido aos conflitos entre minha mãe e minha vó materna ela não se alimentava direito e meu pai, doente não podia trabalhar na roça.

Este meu irmão uma vez perguntou à minha mãe o porquê do nome dele, pois não gostava de seu nome.

Mamãe explicou-lhe que fez uma promessa a um Santo de que se ele vivesse colocaria nele o nome do Santo.

Ela era tão devota do santo que comprou uma estátua dele e colocou na igreja, mas depois que a Igreja retirou os santos das Igrejas ela pegou a estátua de volta e até hoje a estátua fica no quarto dela.

Minha mãe se dizia perseguida pela sociedade do lugar, porque era viúva, viajava muito a negócios, além de ser muito bonita.

Fez então uma novena ao Santo, e pediu que este indicasse se o casamento que viria a contrair com uma pessoa que apareceu no povoado não desse certo, mediante um balanço de cabeça do Santo.

Naturalmente que uma estátua não mexeria a cabeça, ou seja, ela fez uma pergunta e ela mesma deu a resposta.

As devoções a santos eram comuns naquela época, pois a maioria das meninas tinha o nome de Maria, em homenagem a Nossa Senhora e quanto aos meninos, geralmente levavam o nome do santo do dia em que nascessem, como aconteceu comigo.

NOVA FAMILIA E NOVO PAI

Antes de completar um ano de viuvez, minha mãe se casou com um dentista que apareceu por lá.

Como era muito pequeno eu fui induzido a chamá-lo de pai enquanto que meus irmãos o chamavam de Tio.

A cada ano minha mãe ganhava um novo filho e a segunda família começava a se incorporar à primeira.

Nasceram ao todo 04 meninos e três meninas, dos quais os dois últimos meninos, gêmeos, morreram antes de completar um ano de vida, num intervalo de aproximadamente 30 dias.

Meu padastro embora não tendo sido mau, no sentido de bater ou tratar mal, a mim e a meus irmãos, revelou-se um péssimo administrador dos bens deixados por meu pai.

Nossa loja, no centro de 51 acabou, nosso lote e nossa casa foram vendidos e passamos a viver em casa alugada.

Meus irmãos mais velhos moravam e estudavam em Colatina, depois de terem deixado o colégio dos Irmãos Maristas, moravam em pensão.

Passamos apertos financeiros e sendo donos de 10 alqueires de terra que foi tudo o que restou porque meu pai mandou colocar em nosso nome antes de morrer, teve dia que somente tinha feijão para comer.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

